



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

COTIDIANO E CULTURA MATERIAL NOS INVENTÁRIOS *POST-MORTEM* DA VILA DE LIMOEIRO (1875-1884)

Luciana Meire Gomes Reges *

Atualmente os estudos que vem sendo produzidos sobre Cultura Material do século XIX, muitos são embasados pelos inventários *post-mortem*, já que neles é copilado o conjunto patrimonial dos indivíduos durante sua vida e possui uma lógica na sua construção.

A Cultura Material compreende em sua materialidade indícios acerca do cotidiano dos indivíduos nesse período de desregularidade que foi a seca de 1877-79, e configura na construção de um esboço dos espaços, das casas, das fazendas, dos objetos, das posses, do que se tem ou o que se quer demonstrar ter.

O período proposto compreende a seca de 1877-79 que corresponde a um acontecimento de desestruturador nas dimensões materiais (patrimoniais), sociais, econômicas, entre outras.

* Mestranda em História Social – UFC, orientador: Eurípedes Antonio Funes – lucianareges@bol.com.br. Artigo comunicado no Simpósio Temático Memória, Oralidades e Representações no VI Simpósio de História Cultural - "Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar".

CULTURA MATERIAL: ALGUNS ASPECTOS DAS CONFIGURAÇÕES PATRIMONIAIS

A Cultura Material constitui não apenas a vida material e econômica dos sujeitos, ela faz-nos imaginar a significação social do ato de possuir determinados bens. A materialidade é uma construção muito específica do recorte espaço/temporal em estudo. Segundo Giovanni Levi, em seu trabalho “Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII”, o material só existe porque, no âmbito do simbólico, das significações, o mesmo também está presente.

[...] neste tipo de investigação, o historiador não está simplesmente preocupado com a interpretação dos significados, mas antes em definir as ambiguidades do mundo simbólico, a pluralidade das possíveis interpretações desse mundo e a luta que ocorre em torno dos recursos simbólicos e também dos recursos materiais. (LEVI, 2000, p. 136)

Referindo-nos à Cultura Material, não podemos deixar de mencionar o trabalho do historiador francês Fernand Braudel, “Civilização Material, Economia e Capitalismo – século XV-XVIII.” Essa obra é composta por três volumes: 1. As estruturas do cotidiano; 2. Os jogos de trocas e 3. O tempo e o mundo. O primeiro volume, “As estruturas do cotidiano”, contempla as mudanças e permanências que ocorreram nas moradias, nos aspectos exteriores e interiores, o uso social dos cômodos e objetos como também a mobílias. Braudel utiliza em seu estudo uma pluralidade de documentos: icnográficos, objetos, fontes cartoriais, inventários *post-mortem*, narrativa de viajantes, que fornecem embasamento ao historiador criar possibilidades de análise sobre a vida material. (BRAUDEL, 1995)

O conceito “vida material” é estudado pelo historiador Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses que considera que é necessário avaliar uma série de problemáticas que permeariam as relações entre os objetos, a economia e os anseios que uma sociedade criou para que os mesmos fossem produzidos e a eles fossem atribuídos valores.

Quando falamos de “vida material” é importante elucidar que o imaterial está envolto simultaneamente ao material, bem como analisa o historiador Marcelo Rede.

Romper essa perspectiva segmentária permitiria ver como o ideológico pode expressar-se, igualmente, no universo físico. O imaterial, na cultura, não corresponde a um nível prisioneiro do

concreto, cuja localização espacial seja possível. A sua identificação, portanto, apenas pode ser o resultado de um ângulo de visão do observador, impossibilitado de abarcar o todo. Seguindo o mesmo raciocínio, não se poderia falar dos aspectos materiais da cultura (ou da cultura material) sem falar simultaneamente da imaterialidade que lhes confere existência (sistemas classificatórios; organização simbólica; relações sociais; conflitos de interesse, etc.). (REDE, 1996, p.273).

O material não é estanque, não retrata apenas a condição física, ele é dinâmico e se articula com os jogos sociais, bem como as necessidades e vontades ao qual está inserido e ao qual são atribuídos. “O universo material não se situa fora do fenômeno social, emoldurando-o, sustentando-o. Ao contrário, faz parte dele, como uma de suas dimensões e compartilhando de sua natureza, tal como as idéias, as relações sociais', as instituições.” (REDE, 1996, p.274).

Segundo Giovanni Levi, em Herança Imaterial:

[...] neste tipo de investigação, o historiador não está simplesmente preocupado com a interpretação dos significados, mas antes em definir as ambigüidades do mundo simbólico, a pluralidade das possíveis interpretações desse mundo e a luta que ocorre em torno dos recursos simbólicos e também dos recursos materiais. (LEVI, 2000. p. 136).

3

A materialidade que condicionava o cotidiano domiciliar desses indivíduos precisa-se discorrer embasados na sua pluralidade, e sua finalidade social, cultural e econômica implícitas na retenção ou não de determinados objetos e casas.

A sala representa um espaço de sociabilidade entre os moradores da casa e os visitantes, como também um lugar de realização de algumas funções cotidianas. Normalmente, a sala constitui-se no primeiro cômodo interno da casa, no qual se estabelece um espaço limite entre o público e o privado. É possível reconstruir os espaços das vivências desses indivíduos. Segundo Tânia Andrade Lima, a sala é um lugar “formal, destinado ao entretenimento e ao lazer, e, por conseguinte a representação social, que tinha o acesso permitido aos de fora”. (ANDRADE LIMA, 1995, p. 135).

Em alguns dos inventários por nós analisados, constatamos, entre a mobília, a referência à mesas de jantar. Para Antônia Mota, a sala era o local das refeições das famílias. Entre os que tinham posses, era comum se possuir mesas grandes que podiam

ter até doze lugares, de modo a atender as necessidades de sociabilidade entre familiares e visitas. (MOTA, 2007, p. 196).

Ainda compondo o espaço da sala, encontramos outros objetos que nos fazem imaginar a conveniência dos mesmos dentro do processo de construção das relações envolvendo o público e o privado: banco de carnaúba, bancos pequenos, sofá de palhinha, cadeiras de palhinha. Os registros de sofá e cadeiras de palhinha correspondem não a um perfil da mobília padrão nas salas das casas da população da vila de Limoeiro, mas é importante problematizar a presença desses objetos, corroborando para uma compreensão de quais são os indivíduos.

Diferentemente da sala, o quarto representava um espaço mais reservado, no qual só entrava os mais íntimos. Nos inventários, no que se refere a mobília, foram encontrados: uma cômoda, em bom estado de conservação; armários, guarda-roupas, caixas, camas, todas em mal estado de conservação. Em virtude de a cama ser um elemento da mobília que pouco foi registrado nos inventários, imaginamos que a rede fosse o mais recorrente utensílio utilizado pela população local para o descanso e para dormir.

As redes talvez predominassem na cidade entre os utensílios utilizados para dormir ou descansar nas casas de Belém, e o seu estivesse relacionado às tradições locais, advinda das heranças indígenas, porém eles não reinavam de forma hegemônica no campo doméstico. Então neste sentido o naturalista inglês estava equivocado, pois, o uso de catres, camas ou simplesmente colchões não se mostravam objetos estranhos nas mobílias dos moradores da cidade. (GUIMARÃES, 2006, P. 170)

A presença do baú de couro nos registros dos bens inventariados é constante, o que nos faz imaginar que os mesmos estivessem dispostos por toda a casa. Assim como os baús de couro, muitas foram às caixas descritas nos inventários, cuja matéria prima, tamanho e estado de conservação eram os mais diversos: grande, pequenas, novas, velhas, madeira, sapé. Do mesmo modo, várias eram as suas utilidades. Ainda com relação aos baús, podemos dizer que os mesmos serviam como espaço destinado para armazenar objetos privados, bem como os de uso coletivo, amplamente usados no transporte dos bens materiais durante as viagens ou mudanças de casas.

No que se refere à cozinha, espaço da casa destinado aos fazeres domésticos, foi possível encontrar entre os bens inventariados alguns instrumentos/objetos que mais se assemelham a este espaço: panelas (grande, pequena, de ferro); pilão, geralmente velho; copos de vidro; colheres de prata, utilizadas para chá, para sopa e para açucareiro; mesas de cedro, grande ou pequena contendo com gavetas ou não.

Assim como o sofá e as cadeiras de palhinha, possivelmente os copos de vidro e, principalmente, colheres de prata se constituíssem em bens materiais da grande maioria da população da vila de Limoeiro no período aqui estudado, 1875 a 1884.

Tendo em vista a pecuária ter sido a principal base da economia deste o período de povoamento da capitania do Ceará, o couro ainda era, em fins do século XIX, um elemento presente no cotidiano sertanejo, principalmente na mobília que compunha as casas de fazendeiros, pequenos proprietários, pobres...

Nos inventários analisados, muitas foram as referências a esta matéria prima retirada do gado abatido para alimento de toda a população: jogos de solla, baús encourados, couros espichados, couros de gado, malha de couro de gado, meios de solla. Todos esses utensílios são indícios da atividade da pecuária na região.

Raimundo Girão, em “História Econômica do Ceará”, explica, passo a passo, como se dava o processo de beneficiamento, por exemplo, do couro do gado abatido e transportado para as oficinas produtoras de charque:

(...) as oficinas eram construções toscas, apressadas, galpões cobertos de palha, várias para estender a carne desdobrada e salgada, e alguns fechos de ferro para a extração de parte da gordura dos ossos por meio da fervura em água. O sal do Reino só se empregava para encharque – salga da carne. A courama era estaqueada, seca ao sol; o sebo, simplesmente lavado, posto ao tempo em varais e depois secado, em forma de madeiras cúbicas, produzindo pães de peso variável. A ossamenta era amontoada e queimada e esta cinza atirada para aterros, ou servia, empilhada, para fazer mangueiras e cercas. Todas as outras partes do boi não tinham valor comercial e eram atiradas fora. (GIRÃO, 2000, p. 69)

A descrição feita por Raimundo Girão nos faz compreender o quanto era expressiva a presença da pecuária na economia e na sociedade cearense desde o período colonial. Acreditamos que, para além dos objetos/utensílios aqui nomeados, muitos outros não estão presentes nos inventários *post-mortem*.

Compondo o cenário interno das casas da Vila de Limoeiro, em conformidade com os inventários em análise, identificamos uma série de objetos que testemunham a religiosidade da sociedade local como um mecanismo de estratificação social.

Segundo Luís Mott, “a casa de moradia era o lócus privilegiado para o exercício da religiosidade privada dos católicos.” Havia, portanto, uma preocupação em externar a fé, tornando mais significativo os referenciais eclesiais. (MOTT, 1997, p. 164).

Para Luiz Antônio Valente Guimarães, entre os mais abastados, havia o costume de se lançar a pedra fundamental da casa com a presença do padre com a finalidade de se aspergir água benta no alicerce.

A inserção da habitação como um espaço permeado pelas crenças é algo muito intenso nas tradições religiosas das populações brasileiras, que pode ser identificado nos ritos que acompanham a construção da casa e seguem-nos mais variados emblemas religiosos que compõem o espaço doméstico depois de pronta. (GUIMARÃES, 2006, p. 167).

Até o final do período imperial, o catolicismo era a religião oficial do Estado brasileiro, permeando, de maneira geral, os espaços sociais das maneiras mais diversas. Por todo o país, nas mais distantes freguesias, a Igreja Católica se fazia presente das mais diversas maneiras nas casas fazendo destas uma espécie de segundo templo de vivência dos ritos católicos.

A vida material também é uma forma de perceber como os equipamentos sociais estão associados à condição econômica, bem como, é possível verificar no inventário *post-mortem* do Tenente Coronel Clemente Luiz Barros Souza Netto que constitui uma maior gama de bens, o mesmo também possui o maior número de objetos sacros, somam a quantia de onze objetos, que significa 27,5% da totalidade do seu conjunto patrimonial.

Assim como os objetos que dão testemunho à religiosidade presente na vida da população da Vila de Limoeiro, ficou evidente em vários inventários a presença de artefatos composto em ouro e prata, somando 138 objetos. Entre esses objetos destacamos: anéis, cordões, relógios, pulseiras. Segundo Cláudia Eliane Martinez, “os

trajes, as joias, os acessórios e as poses demonstram a sofisticação que os estratos mais elevados da sociedade desejavam alardear.” (MARTINEZ, 2006, p.74)

Essa compreensão pode ser estendida à Vila de Limoeiro. A posse do ouro e da prata, mesmo em pequena quantidade, representava uma forma de distinção social. Em conformidade com Maria Nahir Ferreira, a dimensão da riqueza na Vila de Icó, a ostentação e o luxo era uma forma que o indivíduo tinha para desfrutar de sua condição social.

[...] tendo em vista que uma economia caracterizada pela agricultura e pecuária, dever-se-ia esperar que os sujeitos, ligados a esse tipo de atividade concentrassem seus patrimônios em imóveis rurais, terras, lavouras, animais e escravos. O que propiciava aos nobres da terra como detentores das riquezas construídas, usufruíam da sua própria condição econômica, mediante a utilização de artigos de luxo. O mundo dos inventários revela ainda muito do cotidiano da vida no sertão, aspectos das vivências e experiências diversas dos sujeitos. (FERREIRA, 2008, p. 42).

Para Auxiliadora Lemenhe, a busca do ouro e da prata presidiu a política econômica europeia por quase três séculos.

Durante quase três séculos, a política econômica europeia girou em torno da concepção de —riqueza da nação! definida pela acumulação de ouro e prata e pela apropriação ou pela produção de bens passíveis de transformação em dinheiro. [...] Isto significa manter uma balança comercial favorável como forma de garantir a entrada de dinheiro. (LEMENHE, 1991, p. 21 e 22)

Analisando os inventários *post-mortem* do período de 1875 a 1884, é possível perceber que, na vila de Limoeiro, no final do século XIX, a prática voltada para o acúmulo do ouro e da prata era recorrente. A posse do ouro e da prata representava poder, um mecanismo de distinção social.

Outro bem que caracterizava forma de distinção social era o escravo, que será abordado no próximo capítulo, na qual tomando por base os inventários *post-mortem* analisaremos a presença escrava na Vila de Limoeiro.

A seca de 1877-79 é um acontecimento de desestruturação nas dimensões materiais, sociais, econômicas, políticas, que incide na forma que a Cultura Material situa-se nos inventários *post-mortem*. Compreender a seca em questão como um

episódio de desregularidade incide numa percepção de uma nova configuração sócio-patrimonial, as relações estabelecidas entre os indivíduos entre o social e o patrimonial.

Antes de prosseguir positivando os discursos em relação a seca pela escassez, é imprescindível problematizar e compreender as articulações, artimanhas e inventividades que os indivíduos criam seja para sobreviver, seja para beneficiamento dela.

FONTES

- ✓ Inventários *post-mortem*, referentes ao período de 1875 á 1884 - Arquivo do Fórum Des. Antônio Carlos Costa e Silva – AFDACCS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Alênio Carlos Noronha. VASCONCELOS, Liduína Queiroz de. *Inventários Post Mortem: Possibilidades de Leitura do Universo Escravo*. In. Revista do Arquivo público do Ceará. Número 03, 2006.

ANDRADE LIMA. Tânia. *Prato e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX*. In; Anais do Museu Paulista: São Paulo, N. Série. V.3. p.129-91, jan-dez. 1995.

ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros de. *Contribuição metodológica para a pesquisa historiográfica com os testamentos*. *Histórica – Revista do Arquivo do Estado de São Paulo*, ed. 6., out. 2005. Disponível em: www.historica.arquivoestado.sp.gov.br 15/12/2009, 23h48min.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo – séculos XV-XVIII: Estruturas do Cotidiano: o possível e o impossível*. VII São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERREIRA, Maria Nahir Batista. *A constituição de riquezas na Vila de Icó – CE (1780-1830): Nobres da Terra, Homens Livres E Escravos*. Monografia apresentada à Faculdade Vale do Salgado – FVS como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Metodologia do Ensino Superior. Orientador: Prof.Ms. Aldecir Ferreira da Silva.

GIRÃO, Raimundo. *História Econômica do Ceará*. 2ª ed. – Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2000.

GUIMARÃES, Luiz Antônio Valente. *As casas & as coisas: um estudo sobre vida material e domesticidade nas moradias de Belém – 1800-1850*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2006. Orientador: Professor Doutor Antônio Otaviano Vieira Júnior (DEHIS/UFPA).

LEMENHE, Auxiliadora. *A economia Pastoril e as Vilas coloniais no Ceará*. In. *As razões de uma cidade: Fortaleza em questão*. Fortaleza: Stylos, 1991.

LEVI, Giovanni. *Herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Lauro de Oliveira. *Na ribeira do rio das onças*. Fortaleza: Assis Almeida, 1997.

MARTINEZ, Cláudia Eliane P. *Objetos do cotidiano e escravidão no século XIX: Bonfim do Paraopeba – Minas Gerais* Cadernos de História. — out. – 1997 — Belo Horizonte: PUC Minas, 2006 – v. Semestral ISSN 1679-5636.

MOTA, Antônia da Silva. *Cotidiano e Cultura Material dos séculos XVIII – XIX*. Ciências Humanas em Revista - São Luís, v. 5, número especial, junho 2007.

MOTT, Luiz. *Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu*. In SOUZA, Laura de Melo. *História da Vida Privada no Brasil*, São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

OLIVEIRA, Maria Ivanira de Castro. *O escravo negro no baixo - Jaguaribe*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista. Franca -1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Esta História que chamam micro*. In Guazzelli, César Augusto Baralos; Peterson, Sílvia Regina Ferraz; Schmidt, Benito Besso e Xavier, Regina Célia Lima (org.) *Questões de teoria e metodologia da História*. Porto Alegre: Editora Universalidade/ UFRGS, 2009.

REDE, Marcelo. *História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material*. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.4 p.265-82 jan./dez. 1996.

REGIS, João Rameres. *INTEGRALISMO E CORONELISMO: Interfaces Da Dinâmica Política no Interior do Ceará (1932-1937)*. Rio de Janeiro, 2008. Tese de Doutorado em História Social. UFRJ- Orientadora: Prof.(a). Dra. Maria Paula do Nascimento Araújo.